

## LIVROS

### A CRÍTICA EM CENA

*Destinos mistos*, de Heloísa Pontes. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, 298 pp.

**Antonio Arnoni Prado**

*Destinos mistos* é desses livros que fazem pensar não tanto pela argumentação precisa que articula contextos por vezes inconciliáveis, mas sobretu-

do pela habilidade com que os atravessa, harmonizando memória e documento, visão sociológica e sensibilidade estética.

Seu tema é a revista *Clima*, que se publicou em São Paulo entre maio de 1941 e novembro de 1944, vista no entanto não mais através do arranjo linear dos temas e de sua interpretação a partir da especialidade de cada um de seus colaboradores mais importantes — e sim de uma perspectiva integrada que a recorta como referência básica na formação do perfil intelectual e cultural do grupo que a constituiu e que se abre para uma visão renovadora do país no limite das linhas de influência que vêm do modernismo e de chaves hoje

clássicas como as de *Casa-grande & senzala*, de Gilberto Freyre, *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, e *Formação do Brasil contemporâneo*, de Caio Prado Jr.

Ampliadas nesse foco de análise, tais referências entram no ensaio de Heloísa Pontes como uma forma de retomar o legado do grupo, integrando-o pela primeira vez de maneira sistemática aos quadros da renovação metodológica que a vinda dos professores franceses trouxe para o Brasil com a criação da Universidade de São Paulo nos meados dos anos 30.

Na verdade, se há um corte que rastreia no livro a singularidade do grupo, este vem justamente da elevada aplicação intelectual que resulta, como mostra Heloísa, de um *tríplice efeito*: a recuperação de procedimentos básicos na atividade intelectual do passado, traduzida no ensaísmo e na crítica, a atualização metodológica e acadêmica desses instrumentos e "o prenúncio do que iria acontecer a seguir" (p. 215).

Longe do livro, entretanto, um roteiro comparado ou mesmo a análise extensiva da contribuição de Antonio Candido, Décio de Almeida Prado, Paulo Emílio Sales Gomes, Lourival Gomes Machado, Gilda de Mello e Souza e Rui Coelho — os intelectuais mais expressivos da revista — para a literatura, o teatro, o cinema e as artes plásticas no Brasil. Ainda que possam, pelo que hoje representam no contexto da cultura brasileira, ser estudados separadamente, não é este o foco do ensaio.

São outras — como assinala a autora — as direções propostas para a sua análise do grupo de *Clima*, prevalecendo entre elas "a experiência da amizade compartilhada na juventude e reforçada na vida adulta pela ausência de tensões e competições entre eles [...]; as relações estabelecidas com os cientistas sociais e com figuras de ponta do modernismo; a inserção num sistema cultural pouco profissionalizado e segmentado, no qual a oposição entre jornalistas e acadêmicos não tinha ainda os contornos beligerantes de hoje; os constrangimentos institucionais enfrentados; os desafios intelectuais perseguidos; as posições conquistadas dentro da Faculdade de Filosofia" (pp. 214-215).

É aliás a partir da trajetória do grupo visto no interior da experiência de um *círculo de amigos* que "o registro quase etnográfico" de Heloísa Pontes procura chegar à compreensão dos padrões intelec-

tuais do momento. Críticos e universitários, o rumo de suas carreiras, assim como a natureza de sua produção intelectual, fugindo à tradição monográfica do ensaio de corte extenso e generalizante, convergem para a superação daquele espírito de *pesquisa livre* herdado do modernismo, que o ensaio mostra corresponder "a uma demanda difusa no sistema cultural do período".

"Comparados às gerações anteriores — nos diz Heloísa —, Antonio Candido e seus amigos eram nitidamente diferentes". Ao contrário de Sérgio Milliet, Luiz Martins, Mário de Andrade e Álvaro Lins, por exemplo, "que escreviam, cada um à sua maneira, sobre múltiplos domínios da atividade cultural, os membros do grupo *Clima* se especializaram, desde cedo, em áreas específicas", constituindo-se no que ela chama de "críticos puros, munidos de conhecimentos sistemáticos, hipóteses bem fundamentadas, ferramentas conceituais sólidas", que os levaram, conforme assinala, a "sedimentar a crítica num patamar analítico distinto do das gerações anteriores" (p. 216).

Este é o ponto de chegada do ensaio. Para o leitor que acompanha os movimentos livres de sua escrita engenhosa, o modo como essas imagens retornam à nebulosa inicial do projeto de *Clima*, rejuvenescendo o ardor da mocidade, desarquivando gestos e perfis da adolescência entremeada das recordações inéditas que amarram os primeiros tempos da vida aos primórdios da Faculdade de Filosofia ainda na Praça da República, *Destinos mistos* — cinquenta anos depois da provocação de Oswald de Andrade — revolve como num álbum de lembranças o passado e a formação intelectual dos *chato boys*, dando-lhes pela primeira vez de maneira cabal um estatuto inequívoco de referência acadêmica.

Sob este aspecto, é um belo exemplo de articulação de registros. Biografia e notação documental — vida em família, origem social, alinhamentos de classe e de relações com os setores mais representativos da sociedade — alternam-se à leitura pontual não apenas de cada um dos projetos intelectuais em presença, como também da apresentação do contexto em que eles se expandem, dando ao leitor uma espécie de painel que vem das origens para o desenvolvimento do grupo e daí para o percurso individual de cada um de seus integrantes, num roteiro intercalado e har-

mônico, que nasce com a revista *Clima*, passa pela Faculdade de Filosofia da USP, pelo suplemento literário de *O Estado de S. Paulo* e expande-se na avaliação da presença intelectual de cada um deles na Universidade e fora dela.

Como é natural diante de uma leitura interessada em recompor a simultaneidade de projetos a um tempo tão próximos e tão diversos, o ensaio não evita que fique em aberto a tarefa de ajustar a formação intelectual dos críticos estudados à complexidade de suas obras — algumas delas ainda em pleno vigor. Coisa que certamente não parece fácil, se levarmos em conta que alguns dos minuciosos *retratos* traçados por Heloísa Pontes por vezes aparecem retocados para mais ou para menos, restritos muito mais a circunstâncias ocasionais de percurso do que propriamente à real situação dos problemas epistemológicos enfrentados na superação do legado das gerações que os precederam.

Ou seja: lidos pela matriz harmônica de grupo coeso fundado no rigor intelectual e na lealdade da convivência social e afetiva, os respectivos projetos críticos quando vistos na trajetória isolada de seu significado mais amplo nem sempre vêm tratados com a mesma medida. O belo capítulo introdutório, em que se definem de modo exemplar as direções gerais e as linhas de influência responsáveis pelo aparecimento da obra crítica inovadora de Lourival Gomes Machado, por exemplo, encerra um feixe de argumentação e análises que nem sempre entram com o mesmo alcance em relação à obra crítica de Paulo Emílio, Décio de Almeida Prado e Antonio Candido, para não falar de Rui Coelho, cuja presença no livro, não obstante a pertinência das considerações de Heloísa, se não aparece esfumada, entra em escala menor e quase passageira.

Não que haja um desequilíbrio na percepção da presença e da obra de cada um dos autores estudados, que a autora situa e avalia com precisão ao longo de todo o ensaio, sobretudo no segundo capítulo, em que nos fala da plataforma da geração de *Clima*, e em particular no conjunto dos tópicos que compõem o capítulo seguinte, inteiramente dedicado à revista. O que parece existir é, se não uma diferença de tom, ao menos uma inversão do foco ou dos procedimentos de escolha que, no caso dos três autores indicados, acaba deslocando a ênfase para uma forma de enquadramento diferente

das referências mobilizadas para situar a crítica de Lourival Gomes Machado.

Do convite de Paul Arbousse-Bastide para a assistência na cadeira de sociologia à organização da 1 Bial do Museu de Arte Moderna, passando pela conquista do prêmio Fábio Prado e o êxito na Universidade e no jornalismo paulista, a análise da formação intelectual de Gomes Machado organiza-se sob um levantamento exaustivo de circunstâncias que dão ao leitor um espelho detalhado das idéias em jogo naquele momento. Além de uma síntese da situação da crítica de artes plásticas em São Paulo e de um excuro abrangente sobre as teorias em voga na avaliação do barroco, por exemplo, o leitor entra em contato com as linhas gerais do projeto do SPHAN e de seu diretor Rodrigo Mello Franco de Andrade, é informado das direções predominantes da crítica estrangeira e vê avançar, paralelamente ao retrato da arte moderna e da tradição modernista no interior da análise da própria obra de Lourival Gomes Machado, tanto a influência de Roger Bastide na releitura do passado brasileiro quanto a sua convergência para o pensamento de Mário de Andrade, que abre a revista com a hoje célebre "Elegia de abril".

A visão orgânica e sob muitos aspectos exemplar que harmoniza a evolução da tenacidade tanto na vida quanto na obra de Gomes Machado não se repete com a mesma intensidade no caso de Décio, Paulo Emílio e Antonio Candido, repassados pela uniformidade excessiva da origem social privilegiada que aproximou a carreira dos três, mais ou menos como se a condição modesta e a vida difícil, no caso de Lourival, entrassem com peso dois na avaliação da trajetória do crítico brilhante que ele foi.

Fora dessa condição, Décio, Paulo Emílio e Antonio Candido, não obstante o enquadramento certo do horizonte crítico de cada um deles em face da revista e do sistema cultural em que se formaram, quase que saem do livro como entraram, sem o peso aparente dos obstáculos que tiveram de superar e, sob certo aspecto, desvinculados de alguns dos temas decisivos na definição posterior de uma atitude intelectual e do papel que esta viria a desempenhar, como Heloísa tão bem assinala, no contexto da vida cultural brasileira.

A força de seu ensaio, no entanto, ao mesmo tempo que recusa a linearidade das aproximações,

só ganha altura na raiz das dissonâncias. Tanto assim que desse mesmo recorte de análise é que saem os dois blocos de revelação mais fecundos do livro, o primeiro voltado para o percurso até aqui isolado da obra crítica de Gilda de Mello e Souza e o segundo retomando — no mesmo plano de figuração por contraste que encorpou a leitura de Lourival Gomes Machado — a contribuição e o significado de Florestan Fernandes para a sociologia brasileira.

Em relação à presença de Gilda, por exemplo, que, ao contrário de Ruth Alcântara e Maria de Lourdes Machado, deixou o duro trabalho de bastidores, fundamental aos primeiros tempos de afirmação da revista, para lançar-se como ficcionista nas páginas de *Clima*, Heloísa nos mostra como a jovem prima de Mário de Andrade, mesmo revelando com brilho "a promessa da escritora plena que ela poderia vir a ser" (p. 128), acabou pagando caro pela ousadia de assumir integralmente — num momento em que as mulheres não se sentiam seguras para competir num terreno em que os homens predominavam — o desafio de optar pela carreira intelectual, "apagando da memória o velho modelo feminino que ainda vigorava nas famílias, e substituindo-o pelo modelo masculino" (p. 130).

Nesse contexto de *dupla redefinição* — como bem assinala a autora — é que Gilda abandonou a ficção. "Seu gesto, reforçado ao que tudo indica pela ausência de críticas claramente favoráveis à sua produção como contista, teve — segundo Heloísa — um sentido preciso: recusar a posição e o papel que seus companheiros de revista lhe atribuíram". Sob este aspecto, conclui ela, insurgir-se contra a poesia e a ficção enquanto as duas modalidades socialmente mais adequadas para a expressão intelectual das mulheres naquela época "foi talvez o seu primeiro ato de liberdade, ainda que arrevesado" (p. 131).

Dos primeiros tempos de *Clima*, em que as palavras afloravam na intuição da jovem escritora sob o impacto emocionado das sugestões de Mário de Andrade, ao deslocamento posterior para a cadeira de Estética na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, onde, na observação de Paulo Arantes, "era uma ilha da melhor prosa de ensaio do país cercada de especialistas por todos os lados", o reencontro com a inflexão agu-

da da crítica fina de Gilda de Mello e Souza num contexto que a bloqueava é das melhores contribuições que estes *Destinos mistos* põem agora à disposição do leitor.

A outra é a retomada do itinerário da obra de Florestan Fernandes a partir do momento em que — superadas as condições adversas da origem social — recorta um novo perfil para o *sociólogo por vocação* cuja linguagem científica rompe com o estilo do grupo de *Clima*.

"Discípulo mais indicado para gerenciar a herança intelectual dos mestres estrangeiros", Roger Bastide à frente, o Florestan que interessa ao estudo de Heloísa é o intelectual que, ao afastar-se da tradição que fazia do *escrever bem* um dever de ofício, transformou-se — nas palavras de Antonio Candido que a autora transcreve à página 175 — no homem que revolucionou a situação. "Depois dele — nos diz Candido — ficaram impossíveis o amadorismo, o mais-ou-menos e, na escrita, o ensaísmo, que sempre me seduziu. Foi ele — conclui o crítico — quem desenvolveu e consolidou o espírito e a organização científica como condição *sine qua non* para a qualificação de um sociólogo".

A profissionalização acadêmica a partir do funcionalismo, que para Antonio Candido se constituiu num problema inverso ao da trajetória de Florestan Fernandes, significou no percurso deste último, como o ensaio revela, acumulação de inegável prestígio, cujo alcance (nas palavras da autora) "só seria plenamente aquilatado muitos anos depois, a partir de meados da década de 80, graças à recuperação científica — informada por outro paradigma que não o funcionalista — que a etnologia contemporânea vem fazendo desse trabalho" (p. 185).

A visão integrada dessa completude, que passa pela experiência individual de quem um dia se reconheceu como "gente de segunda categoria" na teia do lumpemproletariado, é um dos pontos altos na última parte do ensaio, como que fechando o círculo aberto em meados dos anos 30, quando a Universidade lançou as bases intelectuais e sociais no destino de alguns jovens talentosos que ali se cruzaram.

Antonio Arnoni Prado é professor do Deptº de Teoria Literária da Unicamp. Publicou nesta revista "*Raízes do Brasil* e o modernismo" (nº 50).